


**ATRIBUNA**

 FUNDADA EM 26 DE MARÇO DE 1894  
 M. Nascimento Jr. (1909-1959)  
 Giusfredo Santini (1959-1990)  
 Roberto Mário Santini (1990-2007)

**MARCOS CLEMENTE SANTINI**  
 Diretor-Presidente

**ROBERTO CLEMENTE SANTINI**  
 Diretor-Vice-Presidente

**RENATA SANTINI CYPRIANO**  
 Diretora de Marketing

**FLAVIA CLEMENTE SANTINI**  
 Diretora de Circulação

**PAULO NAEF**  
 Diretor-Superintendente

**ARMINDA AUGUSTO**  
 Editora-Chefe

**MÁRCIO DELFIM LEITE SOARES**  
 Gerente Comercial e Marketing

**MARCO ANTONIO DA COSTA**  
 Gerente Industrial

# Planejamento e liderança na região

No Fórum da Indústria da Construção de Santos e Região (Ficon), realizado nesta semana, houve mesa redonda que reuniu vários prefeitos da Baixada Santista para discutir os grandes projetos que estão em desenvolvimento na região, como o túnel Santos-Guarujá, o Veículo Leve sobre Trilhos - VLT e os aeroportos regionais. E verificou-se consenso entre eles sobre a importância de um efetivo planejamento integrado entre as várias cidades que compõem a Baixada Santista.

O velho tema da metropolização foi novamente abordado. Questão discutida há muito tempo, que teve incentivo com a criação da Região Metropolitana em 1996, e a implantação da Agência Metropolitana da Baixada Santista (Agem) em 1998, ainda desperta muitas dúvidas e incertezas sobre sua efetiva concretização. As próprias autoridades municipais, embora reconhecendo que o trabalho conjunto deveria ser desenvolvido através de ações conjuntas, apontam que o sonho da metropolização ainda está longe.

Tem razão o prefeito de Praia Grande, Alberto Mourão, que salientou no evento que o Brasil vive no individualismo ou no pensamento corporativista. Isso é válido também para a visão e as ações dos Executivos municipais: as cidades estão coladas entre si, têm problemas comuns e interações evidentes em várias áreas, mas resistem a articular-se para o encaminhamento de soluções. E a mesma atitude acontece no âmbito da sociedade, que não

entende o que significa uma região metropolitana, e limita-se a exigir de seu prefeito providências e ações.

É evidente que é importante a valorização da esfera municipal, com a necessária autonomia. E não se pode perder de vista que os prefeitos são eleitos pelas populações locais, às quais prestam contas e devem responsabilidades quanto a obras, serviços e programas. Mas a realidade é outra: a metropolização, se construída e praticada com lógica e com bom senso, traz enormes vantagens e oportunidades, que acabam por beneficiar a todas as cidades e suas populações, indistintamente.

Nem todas as questões e problemas devem ter tratamento metropolitano. Há situações específicas que dizem respeito à competência exclusiva do município, e tentar regionalizá-las pode trazer efeitos contrários. Mas não há a menor dúvida de que temas como saúde, mobilidade urbana, geração de empregos ou destinação final do lixo têm clara conotação metropolitana, e assim devem ser tratados.

Mas metropolização não é algo espontâneo ou natural. Exige planejamento, e principalmente liderança. Talvez este seja um problema a dificultar os avanços na Baixada Santista: a falta de um sistema central com poder de decisão, que não é exercido pela Agem. Nesse sentido, seria válido discutir e propor um novo desenho institucional, com a adesão dos prefeitos, para se criar um novo modelo de gestão.

# Tempo para brincar

Para ter criatividade, resiliência e coragem é preciso brincar. Não poderia ser mais significativo e profundo o slogan criado para marcar a Semana Mundial do Brincar, uma iniciativa da Aliança para a Infância, encampada com todo afino pelo Sesc-Santos, e que começa hoje em vários espaços públicos de Santos e segue até o próximo sábado. Muito mais que reservar locais para que crianças possam brincar e interagir com os adultos em brincadeiras lúdicas, a Semana do Brincar quer chamar a atenção da sociedade para uma das etapas mais importantes do desenvolvimento humano, a infância, e de como o brincar pode fazer toda a diferença na formação de um adulto mais seguro, criativo, que sabe trabalhar em equipe e lidar com dificuldades.

Se é verdade que a revolução tecnológica e o advento frenético de novos e modernos equipamentos digitais tornaram a sociedade cada vez mais globalizada e rápida, também o é que trouxeram em sua essência um tempo cada vez mais curto para a simplicidade da vida, para as atividades que exigem mais que um simples toque de tela: exigem raciocínio, espírito criativo e inventivo. Esse mundo tecnológico não poupou as crianças, que logo cedo ganham aparelhos celulares e tablets, conta em redes sociais, conectividade em tempo real. Não é mais possível dissociá-las dessa realidade, é fato, mas essa onda digital jamais poderia ter roubado da rotina o tempo do brincar, do criar, do descobrir o mundo e a vida fora das telas,

com pessoas de verdade, com quem se interage, se discute, se briga, se reconcilia. Brinquedos lúdicos, educativos, jogos cooperativos, de roda, em equipe estimulam um lado do cérebro inventivo e de múltiplas percepções, ensinam as crianças a conviver em grupo, a buscar soluções dentro das regras, a abrir janelas do conhecimento que só estão disponíveis na infância. E se fecham logo depois.

Nenhuma revolução globalizada pode deixar de lado o tempo de pais e filhos brincarem juntos. É nesse momento que se descobrem, que entendem seus pontos fracos e fortes, que aprendem a respeitar seus próprios limites, respeito esse que perdurará em todas as fases da vida. Crianças que viveram intensamente a infância, que tiveram contato com a natureza, com o mundo que as cerca, com os objetos que compõem esse mundo têm muito mais chances de se tornar adultos mais equilibrados e felizes, que também saberão transmitir esse sentido da vida a seus filhos e netos.

Feliz a iniciativa que começa hoje em Santos, e que só poderia ter a parceria do Sesc, entidade sobre a qual gravita uma filosofia que tem o ser humano em toda sua teia. Que esta semana que se inicia hoje sirva não para os pais deixarem seus filhos nos locais onde a atividade se dará, buscando-os ao final, mas para a criação de um laço forte, perene. Que a essência dessas atividades reverbera, formando um grande movimento de retorno à vida mais simples e natural.

## Do leitor

As cartas enviadas à *Tribuna do Leitor* devem conter nome, endereço, telefone e RG. O tamanho dos textos não pode ultrapassar 900 toques, incluindo os espaços. As cartas que não obedecerem esta orientação serão desconsideradas, bem como e-mails anexados.

**E-MAIL**  
 leitor@atribuna.com.br

**ATENDIMENTO AO LEITOR**  
 Telefone: 0800-727 7710

**REDAÇÃO**  
 Rua João Pessoa 129, 3º andar, Centro Santos, São Paulo. CEP 11013-900

## Ruídos de motos

Encarregado de reduzir o ruído do motor, o silenciador do escapamento, quando adulterado pelos proprietários de motos, e que gostam de veículos barulhentos, pode trazer muita grave ao infrator, além de perturbar os moradores. A legislação de trânsito prevê R\$ 127,69 de multa e perda de cinco pontos na CNH. Mas as autoridades, especialmente CET e PM, que deveriam atuar e autuar contra os excessos cometidos, vivem na inércia, quando o assunto são as motos sem os chamados miolos, que aliás, se parecem com seus donos, quando é mesmo falta de miolo. Não é uma abordagem difícil. A infração é percebível a quilômetros de distância, e somente surdos não dariam conta do inferno em que se transformaram nossas ruas e avenidas. Os condutores têm visível prazer em disparar suas máquinas explosivas, a qualquer hora do dia. Por que não são parados? Não é preciso nenhum decibelímetro para se constatar o absurdo. Já estariam os nossos agentes surdos?

SILMAR GOMES - SANTOS

## Iluminação pública

Ainda aguardo a ação da Prefeitura de Santos em relação à troca da lâmpada ou eventual conserto do sistema de iluminação do poste em frente à minha residência. Solicitei, então, junto à CPFL, a isenção do valor da Taxa de Contribuição de Iluminação Pública (CIP), enquanto o problema estiver ocorrendo. A resposta foi de indeferimento, pois essa ação é da Prefei-

tura. A CPFL é simplesmente um agente arrecadador. Indignada, fiz a mesma solicitação à Prefeitura de Santos. A manifestação foi encaminhada à Secretaria de Serviços Públicos, setor responsável pela adoção de providência, segundo a Ouvidoria Pública. Será que é tão difícil o poder público atender às solicitações dos pobres munícipes, em suas necessidades básicas de segurança, uma vez que estamos pagando pela iluminação pública? A primeira solicitação foi em 28/04/2015 e nada foi feito.

CLÁUDIA R. C. CARDOSO DUARTE - SANTOS

## Orquidário



Ao recebermos um grupo de amigos oriundos de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Brasília, os levamos a conhecer vários pontos da Cidade (Centro, Bolsa do Café,

Monte Serrat, Coliseu, o bondinho, praias, restaurantes dentre outros locais). Mas foi com profunda tristeza, para não dizer vergonha, que ao visitarmos o Orquidário, nos deparamos com o próprio em péssimas condições e falta de cuidados; sujo, banheiro interdito, água dos animais e pássaros sujas ou fétidas, jardinagem mal cuidada e outros tantos detalhes. É um absurdo subtrair o dinheiro do público para a visita e em contrapartida, demonstrar o descaso, o inaceitável modo pelo qual se vem administrando aquele próprio municipal. Compete aos responsáveis a urgente transformação daquele importante e antigo atrativo, e não deixarmos os nossos visitantes se depararem com aquele visual e ainda a enfrentar o hostil odor.

ADEMIR CORRÊA - SANTOS

## Costa Sul

Não procede a informação da Ford de que desconhecia a situação da concessionária Costa Sul. Conhecia sim, tanto que deixou de enviar automóveis à revenda em dezembro. Os automóveis colocados à venda pela Costa Sul, a partir de janeiro, foram "cedidos" pela Caoa. A informação pode ser checada com ex-vendedores da Costa Sul, demitidos em 30 de abril. Nas informações que circulam, não se fala que quase 200 funcionários foram demitidos pela Costa Sul e que o terreno da Avenida Conselheiro Nébias, onde a Caoa vai erguer um prédio, é para uma revenda Hyundai e não Ford.

ANTONIO FERNANDO C. SANTOS - SANTOS

## Tribuna Livre

**ALBERTO PFEIFER**, professor; **BAYARD UMBUZEIRO**, empresário; **ORLANDO PARRA**, empresário; **REINALDO GUERREIRO**, empresário; **BETO BAYARD**, pres. da Fundação Marlim Azul; **ELIO LOPES DOS SANTOS**, mestre em engenharia urbana; **RUBENS PASSOS**, cel. reformado do Exército Brasileiro

# A praia que nos pertence

Santos é uma cidade maravilhosa. Quem aqui nasce, para sempre disso se orgulha, ainda que vá morar distante. Os que aqui vêm viver, unem-se aos nativos no gosto pela combinação natureza/cidade; mar/asfalto; negócios/lazer; cultura/tranquilidade que aqui desfrutamos. Nossas referências são suaves e peculiares: o jardim da orla, os canais, os morros, o Centro Histórico, a Vila Belmiro.

Um desses recantos emblemáticos de Santos é a Ponta da Praia. Aquela esquina da cidade - onde o mar se dobra e a praia faz curva - é o local ideal do pôr-do-sol, da pesca esportiva, dos clubes de regatas, da vela e da canoagem. Lá fica um dos pontos turísticos mais visitados do Estado de São Paulo, o Aquário. A Ponta da Praia carrega um dos mais bucólicos nomes e simboliza boa parcela da identidade santista.

A triste notícia é que a Ponta da Praia vai acabar. Já desapareceu metade da praia e o processo de erosão tem se acelerado. Nos últimos 15 anos, a faixa de areia, que chegava até quase o Pier dos Pescadores na maré baixa, foi submersa. Hoje, a areia mal vai até o Aquário, e seu nível diminuiu em mais de dois metros. A perda da praia já alcançou o outro lado do Canal 6 - e segue avançando.

Os efeitos da erosão são terríveis. O alcance da preamar e das ressacas se intensificou, com riscos para os banhistas e para o trânsito na



avenida da praia. Objetos, tubulações e fiações ficam expostos. Milhares de pessoas perderam seu local de lazer e repouso. Clubes e comerciantes que ocupavam aquele espaço tiveram que se mudar. O trabalho da prefeitura de manutenção e limpeza da praia tornou-se mais complexo e oneroso.

Governantes e dirigentes estão cientes do grave problema. Intermináveis audiências públicas e inconclusivos relatórios ainda não lograram, contudo, gerar o sentimento de urgência para se adotar uma solução definitiva. Apenas ações mitigatórias modestas foram implementadas: barreiras de pedras; muretas de contenção; aterramento com areia; retirada de postes e árvores; ajustes em tubulações - todas insuficientes. A praia some, o mar avança, a cidade encolhe, e os responsáveis fogem, ao invés de enfrentarem o problema.

Os pareceres técnicos e os deba-

tes convergem a indicar a dragagem do canal do porto como uma das causas do fenômeno. Talvez não seja a única fonte, mas certamente a dragagem é um dos vetores principais. Quanto mais dragagem, maior a erosão. Existe fundada suspeita que a dragagem acarreta um dano ambiental, sério e irreversível. Por precaução, a atividade deveria ser melhor controlada e acompanhada, reduzida e mesmo suspensa, até que se instalem medidas que atenuem seu impacto daninho.

Municípios, contribuintes e usuários, centenas de milhares de habitantes e milhões de turistas que se utilizam da Ponta da Praia exigem uma solução. Chega de conversa mole e fala macia; chega de procrastinação e subterfúgios. Não importa a causa: queremos resultados, e queremos já. Precisamos estancar a morte da Ponta da Praia e recuperar o que foi perdido para o mar. É intolerável ver a praia minguando. É inaceitável compactuarmos com a inépcia e a negligência dos governos. Existem soluções técnicas disponíveis. Há espaço para fórmulas criativas, com a participação da iniciativa privada e organizações internacionais. Falta vontade política. Esperamos que este artigo, que manifesta o sentimento da cidadania ativa e corresponsável, quebre a inércia dos agentes públicos. A Ponta da Praia é Santos. Queremo-la de volta para os santistas.